REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

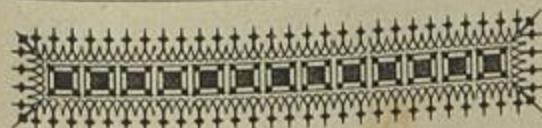
23.º Anno — XXIII Volume — N.º 762

28 DE FEVEREIRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quarta-feira de cinzas.

Dia pardo, frio, nevoento. Ruas tristes, enlameadas. Muita dôr de cabeça, muita grippe. Nos olhos de muitos certo peso, na consciencia certo remorso. Meninas cheias de saudades, paes de familia respirando emfim.

Acabou-se o entrudo. O velho semsaborão não deixou para a historia coisa que valha. O tempo correu pessimo. Até os mais atrevidos só na terça-feira á tarde puderam, pelo Chiado, Rocio e Avenida, fazer alarde da grande semsaboria indigena.

Nem uma só nota alegre n'essas ruas! Miseria e estupidez á ufa.

Os bailes nos theatros concorridissimos! mas ditos de espirito, se algum houve, e foi milagre não ficou archivado.

O velhinho entrou no estertor; apenas o anima uma gota de vinho ás vezes; mas então sae-se immundo.

E foi na grande algazarra, ás tres horas da tarde, no Chiado, quando as tremoçadas ferviam, os chéchés davam coices, e berravam gaitas e businas, que a noticia começou correndo: — grande e definitiva victoria dos inglezes!

E os mais interessados tomavam pelas ruas mais solitarias da Parreirinha e de S. Francisco o caminho da rua dos Capellistas, para saberem a cotação dos fundos, já de pé atraz contra noticias de victorias, querendo a nova da entrega do general Kronje e toda a sua gente confirmada com uma alta eloquente dos papeis inglezes.

Quarta-feira de cinzas. Nem um jornal pela manhã com pormenores. Tudo abre mais tarde. É difficil obterem-se noticias officiaes.

Mas a nova tinha azas, e os fios do telegrapho e do telephone, que o vento sul fazia vibrar, parece que a cantavam por toda a parte.

Nada mais certo. O heroico general Kronje, com tres a quatro mil boers encerrados n'um espaço de uma milha quadrada, rendera-se finalmente a quarenta mil inglezes, que dispunham de muitas dezenas de canhões.

O general Kronje, que assim cobriu de gloria o seu nome, era dos mais afamados do exercito boer, popularissimo nas republicas do sul d'Africa pelo seu odio ao inglez. Seus proprios inimigos lhe fizeram por vezes o panegyrico.

Kronje deve ter partido para o Cabo terça-feira á noite, acompanhado pelo general Pretyman.

Em Londres a noticia da victoria das armas inglezas espalhou-se com extraordinaria rapidez. O regosijo foi immenso e muitas casas embandeiraram.

Os jornaes, pela maior parte, mostram-se optimistas e julgam que a victoria alcançada por lord Roberts será a primeira da nova phase em que vae entrar a campanha do Transvaal. Assim já contam com uma série de successos felizes que breve porão termo glorioso á historia d'esta guerra. Não os acompanham no côro esperançoso o *Times* nem o *Standard*, que lembram a necessidade de muito maiores sacrificios.

Nos paizes europeus a noticia dos ultimos acontecimentos produziu grande e variada impressão. Emquanto o imperador Guilherme e o rei Humberto enviavam á rainha Victoria telegrammas de felicitações, a imprensa russa, a italiana e a hespanhola não occultam o effeito doloroso que produziu na população as noticias dos desastres das armas transvalianas.

A imprensa franceza julga dever-se aproveitar esta occasião para intervenção das potencias a fim de pôr termo á guerra. O *Gaulois* espera que o imperador Guilherme tomará essa iniciativa.

Nem tudo na Europa são demonstrações de regosijo; nem sequer na propria Inglaterra.

A leitura do despacho de lord Roberts feita pelo marquez de Lansdowne na camara dos lords e pelo sr. Wyndham na camara dos deputados foi acolhida com enthusiasticos applausos, não tão unanimes, porém, que um deputado irlandez não exclamasse, entre risadas d'outros: — Que gloriosa victoria! Quarenta mil inglezes aprisionaram quatro mil boers!

A guerra continuará provavelmente por muito tempo ainda. Foram presos trez mil e tantos boers, mas tomadas apenas seis peças e nenhuma de grande calibre. Os esforços empregados pelos inglezes foram enormes e carissima lhes sahiu esta

REAL THEATRO DE S. CARLOS

GEMMA BELLINCIONI

primeira victoria definitiva, que, entretanto, não terá, segundo parece, influencia decisiva na campanha.

D'outros pontos do campo de batalha chegam noticias favoraveis aos boers.

Ainda não está aberto o caminho do exercito inglez para Ladysmith.

E todas estas noticias corriam pela Europa e andavam de bocca em bocca durante os festejos d'esse carnaval enlameado, a cuja estupidez põe remate o *Memento, homo* de quarta feira de cinzas, remate que a tudo quadra no mundo, quer ponham as cinzas na cabecinha vaidosa de mulher, ainda a sonhar com as ultimas valsas, quer na calva, requeimada pelo sol e franzida, d'um grande vencedor.

Pulvis es.

Quarta feira de cinzas! O dia está de acordo com o nome. Dia cinzento e triste.

A vassoira municipal já vai levando das ruas o lixo azedado e com essa lama feita de pós, de tremoços, de pastilhas pisadas, de florinhas podres, de bisnagas amachucadas, vão para a carroça do esquecimento uns sonhos, uns ditos amaveis, uns madrigaes vulgares, uns principios de romance a que uma reticencia poz termo.

Por toda a parte foi o carnaval triste e semsaborão como em Lisboa. Apenas n'uma ou outra sociedade particular houve animação e n'um ou outro theatro.

Alguns bailes houve dignos de nota pela concorrencia escolhida e pela alegria que n'elles reinou. Abriram suas salas nos dias de entrudo os srs. Polycarpo Anjos, Condes de Tarouca, Condessa de Almedina, Condessa de Rio Maior e General Campos, cujos bailes são, ha muito falados em Lisboa como dos mais distinctos e animados sempre.

No theatro de S. Carlos representou-se a zarzuela do maestro Caballero *El Duo de l'Africana*, cantando Bellincioni a parte de tenor, com graça inexcedivel. Todos os outros artistas muito bem. Bem os córos e a orchestra.

No theatro D. Amelia a *Lagartixa* continuou sua carreira extraordinaria. Na terça feira não ficou um bilhete por vender.

Os outros theatros tambem tiveram boas casas. No theatro da Avenida *A viagem de Suzette*, de que ainda não fallámos n'esta chronica, portou-se como quem e. E' um trabalho ainda de Gervasio Lobato. Traduziu o verso Eça Leal. Pepa, que representa o principal papel, com a boa alegria que é seu dote, poz a peça em scena com desusado luxo.

E foi-se o entrudo e, porque a poucos deixou saudades, não falaremos mais d'elle.

Assim desappareçam brevemente as nuvens que, ha tantos dias, veem descarregando suas torrentes d'agua sobre os campos, que a vomitam e já não podem beber mais.

Annunciou-se a chegada das primeiras andorinhas, nuncias de primavera, como, ha muito, lhes chamam os poetas, sem que ellas talvez tenham dado por isso. Bom signal é, que lá de tempo entendem ellas muito mais que o fallecido saragoçano. Já nos mais altos e tenues raminhos das arvores apparecem as primeiras folhinhas verdes. Anda ás vezes uma alegria no ar, como um sorriso a medo. A primavera não tarda.

Passa o tempo tão rapido, que dentro em pouco aqui estaremos outra vez na Lisboa solitaria, tendo que ir buscar longe as historias para encher estas linhas da chronica, por essas thermas e praias, falando de novo das Caldas, do Estoril, de Cascaes, da Figueira, de todas essas terras em que floresceu a roleta e ha de continuar florescendo, apesar do discurso do sr. Hintze Ribeiro na camara dos pares e da resposta do sr. José Luciano.

Muita gente já se vai apromptando para sahir da capital, sendo este anno mais cedo a partida e maior o numero dos que viajam, porque á exposição de Paris concorre uma grande parte da mais feliz população de Lisboa.

Os jornaes illustrados da grande capital franceza já nos veem dando amostras do que será essa exposição gigante destinada a deixar na sombra as suas antecessoras. O espaço occupado é de muitos hectares. A electricidade será d'esta vez quem domina. Deverá ser a realisação das mais fantasticas maravilhas.

Viagens baratissimas, ao alcance de muitas bolsas, são tentação de economicos que, desde ha muito, começaram fazendo seu pé de meia. Tanto peor para os que ficarem, porque o verão se lhes annuncia semsaborissimo.

Durante as tardes enormes não se avistará uma só carruagem na Avenida immensa. Os pardaes cantarão sósinhos por entre os ramos das acacias e dos ulmeiros. Todos os theatros á noite estarão fechados. E o homem dos capilés esperará debalde um freguez

Onde estás tu, Lisboa?

E só ficarão os pobresinhos, conversando, entre bocejos, da guerra do Transvaal, que talvez ainda dure, lembrando que se póde dizer ao orgulho da Inglaterra o que em quarta feira de cinzas se diz ao homem: *Memento, quia pulvis es et in pulverem reverteris.*

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GEMMA BELLINCIONI

Estreou-se em Napoles no theatro Fiorentini na opera *Regina e Contadina*, do maestro Sarria, alcançando um grande successo, o que lhe proporcionou diversas escripturas nos principaes theatros da Europa e America, conquistando d'ahi a pouco a justa fama de celebridade que hoje tem. O seu reportorio é vastissimo; entre outras operas contam-se as seguintes: *Gioconda, Carmen, Fausto, Barbeiro, Favorita, Mignon, Linda de Chamounix, Traviata, Palhaços, Cavalleria Rusticana, Sapho* e *Fedora*, as trez ultimas foram creadas por ella, obtendo em todas novos triumphos.

Não é a primeira vez que a illustre artista canta no theatro de S. Carlos. Na epoca de 1883 a 84 fez parte da companhia, como soprano ligeiro, cantando o *Roberto* (Isabel), *Huguenottes* (Rainha), etc., etc., sendo muito bem acolhida pelo nosso publico, que n'ella antevia uma estrella de primeira grandeza. A previsão confirmou-se com a *Sapho* de Massenet, onde revelou o seu temperamento de artista *raffinée*. Se os recursos vocaes de que dispõe não são extraordinarios, o seu trabalho de actriz é completo, não desprezando os minimos detalhes, accentuando todas as situações do drama, como melhor o não faria qualquer das melhores actrizes contemporaneas; a sua mobilidade physionomica presta-se de uma maneira unica a traduzir as differentes *nuances* em que abunda aquella complexa personagem.

Bellincioni dá perfeitamente o typo de Fanny Legrand que Daudet idealisou. Foi elle quem creou esta opera no theatro lyrico de Milão.

O seu ultimo triumpho entre nós foi a *Fedora*, de Umberto Giordani, o auctor do *André Chenier*, essa opera foi ouvida agora pela primeira vez em Lisboa.

A sr.ª Bellincioni houve-se brilhantemente como era de esperar. Foi tambem a sua primeira interprete em 1898 no mesmo Theatro Lyrico de Milão, ao lado do tenor Caruso e do barytono Monti; o nosso publico não lhe regateou applausos, victoriando-a com enthusiasmo, principalmente na scena do juramento do primeiro acto, na *preghiera Dio di giustizia che col santo ciglio*, aquelle inspirado trecho do grande duetto do 2.º acto com Loris (De Lucia), em que ella lhe consegue arrancar o segredo da morte do seu noivo Vladimir, na scena final do terceiro acto, em que Fedora se envenena.

Difficilmente se encontrará outra interprete para esta opera como a distincta cantora, tudo n'ella arrebata e provoca aquelle enthusiasmo que só podem communicar os eleitos da arte.

Em breve cantará a *Traviata* e a *Cavalleria Rusticana!*

Consta que abandonará o genero lyrico e que se dedicará exclusivamente á declamação ao lado do eminente actor Zaconi, onde com certeza a esperam novos louros na nova carreira que vae encetar.

O MAESTRO GIACOMO PUCCINI

Giacomo Puccini é o talentoso maestro auctor da formosa partitura da conhecida opera *Bohéme*, que tanto apreço alcançou em todos os centros lyricos do mundo, onde se tem cantado. O lindissimo romance de Mürger *Vida Bohemia* foi deliciosamente posto em suavissima musica, deveras inspirada.

Embora já outro compositor notavel haja posto em musica o encantador romance, é á *Bohéme* de Puccini que pertence a palma. Leoncavallo, o auctor dos *Palhaços*, não foi tão feliz como o seu rival, e a prova a que se sujeitou tornou-se mais uma questão de rivalidades entre os dois conhecidos editores de Milão, Ricordi e Eduardo Sonzogno, do que uma composição espontanea.

Leoncavallo não logrou em Lisboa, com a sua *Bohéme*, o applauso que Puccini alcançou e cada vez mais se affirma com a sua formosa partitura. Ainda na corrente epoca lyrica, o nosso Real Theatro de S. Carlos abriu, na noite de 20 de dezembro de 1899, com a *Bohéme* de Puccini. Além do celebre tenor Bonci, tomaram parte na opera os artistas Ferrani, Martelli, de Lucca, Perelló, Cervi, e Rossi.

Com a sua ultima opera *A Tosca* estreiada ha pouco no theatro Constanti de Roma o maestro Puccini acaba de alcançar novos louros.

A Tosca, como a nova opera *Fedora* de Umberto Giordano, cantada pela primeira vez em S. Carlos no dia 13 do mez corrente, tem o seu libretto extrahido do celebre drama do mesmo nome Victorien Sardou, cujo theatro como se vê está sendo explorado para a scena lyrica.

Puccini é natural de Lucca, onde viu a luz do dia em 1858, e ahi mesmo começou os seus estudos, continuando-os no conservatorio de Milão, sob a direcção de Ponchielli, o celebre auctor da Gioconda. Puccini tomou parte no concurso melodramatico aberto pela revista milaneza *Il Teatro Illustrato* apresentando a opera *Villi*, que então estava por concluir. Representou-se esta opera em Milão em 1884, com ampliações que o auctor lhe fez, obtendo exito lisongeiro não só em Milão como n'outros theatros de Italia, onde se cantou. Em 1889 deu no theatro *Scala* a opera *Edgard*, trabalho de pulso e que todavia não obteve o suffragio do publico.

Posteriormente escreveu Giacomo Puccini a *Manon Lescaut* e a *Bohéme*, que o consagraram definitivamente no mundo lyrico como compositor notavel.

A sua ultima producção é agora a *Tosca*, cujo successo tem echoado ruidosamente.

Na noite da primeira representação da *Tosca* em Roma, o theatro Constanti offerecia um aspecto imponente. Assistiram á representação a familia e as grandes celebridades musicaes da Italia, França e Allemanha.

O mais completo exito foi logo prophetisado desde os primeiros accordes. Uma romanza de tenor, de melodia facil, quente e apaixonada, produziu profunda impressão, tendo o tenor Marchi de a repetir no meio de grandes applausos.

A apparição da *Tosca* e o duetto com Maria são duas peças magistraes, ricas de paixão e de um notavel poder lyrico. O 1.º acto acabou triumphalmente com um concertante admiravel, que mereceu as honras de repetição. O exito estava seguro. Nada menos de oito vezes teve Puccini de apparecer no palco com os principaes interpretes da opera.

No 2.º acto, o interrogatorio de Scarpia e Mario, sustido pelo canto interno da Tosca e do côro, foi apreciado como uma formosa composição do *maestro*. O monologo do barytono, o duetto com o soprano e a scena da tortura, sobretudo, commoveram profundamente o publico. A Darclée cantou de tal modo uma aria, que o enthusiasmo do publico chegou ao delirio.

No 3.º acto e ultimo da opera o talento dramatico de Puccini chegou á sua maior expressão. Todos os numeros d'este acto produziram no publico a tragica impressão da catastrophe.

O triumpho de Puccini foi completo, tendo sido solicitada a sua auctorisação para a opera ser apresentada em varios theatros da Allemanha, França e America, o que garante largo futuro á nova partitura e justa fama ao inspirado maestro.

A GUERRA NA AFRICA DO SUL

Generaes Kronje e French
Transporte de artilheria ingleza em Kolskop

A phase geral da guerra acaba de ser sensivelmente modificada.

A libertação de Kimberley, a invasão do Estado Livre d'Orange por uma divisão lançada em perseguição das forças do general Kronje e as probabilidades do general Joubert se ver impellido a levantar o cerco a Ladysmith são incontestavelmente successos para as armas inglezas e que assignalam a entrada em campanha do general lord Roberts de Kandahar pois que até ahi os boers haviam triumphado em todos os pontos pela sua extraordinaria mobilidade.

D'esta vez encontraram já competidor em mobilidade e audacia e n'isso se resume a principal importancia dos successos de lord Roberts, pois denotam uma tactica evidentemente boa.

A opinião publica ingleza tem agora ensejo de

desfazer certo pessimismo sobre a marcha das operações e seus resultados, mas por seu lado os amigos da causa boer não teem ainda occasião para desesperar.

Ainda que dizimada em Maggersfontein, a brigada d'Highlanders é o melhor corpo d'infantaria de que o generalissimo inglez dispõe; é a flor do seu exercito.

O revez por elles soffrido em Maggersfontein é do lado dos inglezes um dos feitos mais gloriosos d'esta campanha pois que é sublime em abnegação a resistencia d'esse punhado d'escossezes, que preferiam deixar-se matar a engrossar com a sua rendição o numero já avultado de prisioneiros em Pretoria.

Depois d'esse terrivel combate succedeu ao infeliz general Wanchope o arrojado Macdonal que acaba de ser ferido. Novamente são os Highlanders utilisados nas mais perigosas surprezas e como tal lhes foi confiada a espinhosa missão de attrahir as forças de Kronje para permittir a execução do *raid* do general French. Em Kootoosberg tiveram cincoenta baixas entre mortos e feridos e actualmente fazem parte do exercito que penetrou no Orange.

O general boer Kronje, que durante tanto tempo conteve em respeito lord Methuen e que soube evitar ser cercado pelas forças de Roberts, é depois do general Joubert o que de mais popularidade gosa entre os chefes do exercito transwaliano e foi quem em 1 de janeiro de 1896 desafiou em Krugersdorf os flibusteiros do dr. Jameson.

O general French, commandante da brigada de cavallaria na Africa do Sul que conduziu as operações que deram logar ao levantamento do cerco de Kimberley, já se havia assignalado no decorrer da campanha em Elandstaagte e por algumas escaramuças felizes proximo de Colesberg. Nasceu em 1852 e pertenceu muito tempo ao 19.º d'hussards, tomou parte na expedição ao Nilo 1884-85 ganhando a medalha da ordem de S. Miguel e S. Jorge.

Uma palavra se lê em muitas noticias da guerra Kop ou Kopj que designa um cume e que constitue ponto estrategico de primeira ordem avalliado já convenientemente pelos boers, nas longas luctas sustentadas contra os indigenas. Durante alguns dias no começo de janeiro a brigada de French occupou um d'estes Kopjs particularmente inexpugnavel, era o de Kaleskop que apresenta a configuração d'um verdadeiro pão de assucar e que domina toda a planicie circumdante, acima da qual se eleva na altura maxima de 450 metros com enorme inclinação e precipicios vertiginosos. Conseguiram no entanto os inglezes içar até ao cimo dois grandes canhões prendendo em cada um tres cabos puxados por trinta homens cada.

Mas as difficuldades não se resumiram na collocação dos canhões, tornava-se necessario aprovisionar de munições e viveres os artilheiros. Para isso estabeleceram um systema de vae-vem por meio d'um cabo, o que lhes permittiu elevar cargas de 40 libras e viveres em abundancia.

RELIGIÃO E ENSINO RELIGIOSO

«La science seule ne suffit pas pour expliquer la vie de l'homme.»

LERMINIER.

O homem reconhece-se impotente para dominar o universo, e invoca no tribunal da sua consciencia o auxilio da Divindade.

Qualquer que tenha sido a origem das sociedades, manifesta-se atravez dos tempos na evolução lenta dos povos um sentimento innegavel de religiosidade.

E que o ser humano, convencido plenamente de que elle não é a causa de si mesmo e de que nem pode alterar sequer ligeiramente a minima circumstancia na ordem dos phenomenos da natureza, concebeu desde a sua primeira hora de reflexão a existencia da Força Creadora.

Por maior que seja o nosso orgulho não podemos furtar-nos a sentirmo-nos dependentes. «A base da religião, sustentava Feuerbach, é o sentimento que nós temos da nossa dependencia».

Com effeito, seria forçar muitissimo a hypothese querer explicar, mudadas as condições essenciaes actualmente caracteristicas da especie humana, o phenomeno psychico da religião.

Se a humanidade não fosse o que é, nunca pretenderia transcender as proprias balizas que a circumscrevem na esphera terrena e jámais se levantariam olhares de interrogação para essas myriadas de corpos coruscantes povoando de belleza maravilhosa o espaço immenso.

Todas as formas multiplices como a creatura racional tem demonstrado submissão e respeito a entes superiores invisiveis, proclamam o facto de uma revelação anterior sem a qual, cahiriamos no absurdo de admittir a possibilidade de imaginar alguma coisa absolutamente fóra dos dominios da realidade.

As creações mais portentosas do genio poderão mostrar personagens inverosimeis e scenas extraordinarias, mas sempre ao alcance de todas as intelligencias e encerrando um certo fundo de verdade pelo menos nos seus elementos ou nos seus pormenores. A terem existido o cavallo de Troia e o gigante Adamastor, semelhantes colossos phantasticos haviam de definir-se por traços e linhas, contendo-se indubitavelmente nos aspectos diversos do mundo real.

Não succede assim sob o ponto de vista da religião: para que o homem tenha deixado nas epocas primitivas tantos vestigios de culto e tantas provas de crença é porque certamente algum acontecimento occorreu que illuminou a sua mente em relação á existencia d'um Deus Todo Poderoso.

Sem Deus ficaria incomprehensivel o facto da religião.

«Les religions, disse Vacherot, sont des phénomènes de l'esprit humain qui ont leur manifestation et leur épanouissement dans l'histoire: mais leur racine est ailleurs; elle est dans la conscience de l'homme».

O medo e o terror não bastam a servir de fundamento a actos externos de adoração profunda, observados constantemente na sequencia dos seculos.

Tiradas as causas cessam os effeitos respectivos e até se apaga da memoria a recordação do passado.

O quadro da religião patentêa no seio de todas as civilisações e no estado rudimentar dos povos incultos a victoria do espirito sobre a materia e o amor intrinseco das gerações ao seu Creador. É tão impossivel o atheismo puro como a quadratura do circulo.

«Se a religião ou uma forma qualquer da religião é verdadeira, escreveu Stuart Mill, resulta d'ahi que ella é util; não ha necessidado d'outra prova.»

Uma coisa que nos põe em contacto edificante com o Divino e constitue soberanamente a nossa realeza legitima n'este globo terrestre, não só é thesouro de valor inestimavel nas tribulações da vida mas tambem excellencia utilissima refreando a lucta das paixões.

Pódem philosophos desvairados pelo orgulho tentar illudir a rasão alheia com pretextos fallaciosos e theorias insustentaveis na presença dos monumentos historicos e dos documentos authenticos, a religião não e destruida por nenhum sophista nem desmerece na ethica dos altos conceitos.

O verdadeiro sabio é sempre um levita fervoroso da religião. Cada segredo que elle arranca á natureza, cada lei cosmica que elle consegue formular nos termos precisos, cada enygma que alcança decifrar, tudo isto mais e mais o convence da fraqueza das suas proprias forças e lhe eleva o pensamento para o Auctor Omnisciente.

«L'idée de Dieu, exclamava Arbanère na *Analyse da Historia Asiatica*, est comme la dernière reflexion de l'esprit. Plus l'homme sera éclairé, plus cette idée sera vaste et forte en lui, parce qu'elle couronnera de plus larges appuis; ainsi le culte du sage émane de l'admiration de la reconnaissance».

Antes que a cultura intellectual viesse desembaraçar no espirito humano a noção de Deus de relações chimericas, já irradiara no mysterio do pensamento a idéa da Causa Suprêma.

«O homem, diz Alfredo Maury, sente-se e possue-se até certo ponto; elle encontra em si mesmo a causa e a explicação das suas acções e das suas obras: mas todo um mundo o cerca que não deriva de si, que lhe não obedece e que o domina quasi sempre».

É palpavel esta affirmação categorica, e de qualquer modo que investiguemos os factos na successão dos periodos historicos, a logica da evidencia força-nos a reconhecer a origem da religião na noção primitiva de Deus, poder superior aos elementos e invencivel plenamente.

«Esta idéa simples, dizia o citado Arbanère, depara-se na cabana de folhas do selvagem, sob a tenda do nómade, na gruta do pescador».

Os povos remotos da antiguidade oriental como os habitantes contemporaneos das regiões ainda sepultadas na noite da ignorancia, todos teem sabido e sabem prestar homenagem religiosa aos Osiris, Isis e Horus ou aos «Bhoot» das suas theogonias.

«Mas tantas idéas religiosas passadas ou presentes, escreve o illustre John Lubbock são tão completamente oppostas ás nossas, que é impossivel discutir este assumpto sem relatar bastantes factos absolutamente contrarios aos nossos sentimentos».

É que a dispersão dos membros da familia humana e o grau de cultura de cada individuo levantaram barreiras insuperaveis entre as populações, afastadas umas das outras não só por distancias geographicas grandissimas como pela propria capacidade de raciocinio, pelas tendencias de indole e pelas diversas influencias do meio.

«Ce n'est pas chose facile, disse Letourneau na *Sociologia*, que de se figurer l'état mental de l'homme primitif».

Concordo com o distincto professor francez e quanto mais procuro dar á filiação da idéa religiosa um significado differente do que tem no sentido theologico da palavra, mais me vejo compellido a elevar a mente ás concepções do Infinito e á contemplação mystica da Belleza increada.

A religião não é, pois, uma ficção passageira da infancia no berço da nossa raça, habilmente aproveitada para fins particulares de ambiciosos, a sua razão de ser está tanto acima dos systemas politicos mais perfeitos e dos planos melhor estudados pelo homem em todos os ramos dos conhecimentos e em todos os campos da actividade quanto é superior ao espectaculo das nossas sociedades a velocidade temerosa da faisca electrica rasgando nuvens, o eterno rugir das vagas na sua ameaça perenne de tragar os continentes, o delirio de côres de que se tinge a atmosphera do horisonte visual quando o sol já no termo da sua carreira diurna inclina a face para o outro hemispherio, o brilho e a harmonia das espheras nos seios da amplidão!

Se não estivesse convencido intimamente da excellencia dos principios religiosos na educação dos povos, se em mim proprio não verificasse os effeitos saluberrimos que d'elles derivam, nem sequer faria referencia a este problema de importancia social.

Ha um facto interessante e luminoso na historia psychica da humanidade: a crença. Desde os tempos mais remotos de que ha noticia offerecem-se á observação do estudioso monumentos de natureza diversa e simples tradições, que não podem explicar-se differentemente do que attribuindo uns e outras á religião.

Citam-se alguns casos de selvagens parecendo inteiramente estranhos a qualquer sentimento religioso; não creio todavia, na possibilidade intrinseca da sua realidade visto como é natural e espontanea no ser humano a manifestação da fé.

Pondo porém de parte a questão da universalidade ou não universalidade da religião, resta uma verdade indiscutivel na vida das gerações, é que o homem se aperfeiçoou n'um crescendo progressivo proporcional á intensidade das suas crenças e ao grau de seriedade que as revestia.

Nos periodos anteriores á antiguidade classica depara-se o espectaculo mais repugnante da existencia das sociedades: o predominio brutal da força no esterquilinio da materia!

(Continua) *D. Francisco de Noronha.*

FRANCISCO AUGUSTO METRASS

(Continuado do n.º 761)

III

EM ROMA

Roma! Quantos mundos se encontram nesse recinto, museu de tantas civilisações — ahi onde, segundo a phrase feliz d'um escriptor, se cruzam todas as estradas da historia! O mundo da terra e o mundo do ceu — a sciencia e a religião — o poder temporal e o espiritual — Cesar e Christo! — Ali terminam, para nós, ali estão representadas pela historia, pela arte, e pela poesia, todas as civilisações antigas! E d'ali data o mundo moderno.

D'aquelia terra mãe, d'aquelle humus historico, feito de illustres ruinas, das maiores grandezas, das maximas virtudes e das mais horrendas perversidades, saem as lições da historia, as inspirações da arte, as meditações da philosophia. Percorrem-a os viajantes, estudam-a os sabios, descrevem-a os archeologos, copiam-a os artistas, e ella — a antiga — é para todos sempre nova, sempre viva, porque é immortal! No firmamento, na constellação das civilisações, brilha, esplende como um sol, que attrahe e deslumbra todos os

que a contemplam! Bem posto o nome de Cidade eterna! E se já não é a Roma dos romanos — é mais do que isso, é a Roma universal!

Quando era a dominadora, mandava as suas legiões espalhar o seu nome e proclamar a sua gloria na Europa, na Africa e na Asia: os arautos das suas leis eram os seus guerreiros, e a luz com que as illuminava ia na ponta das suas lanças e na folha das suas espadas! São outros agora, e desde muito, os seus triumphos; a sua grande luz não é vermelha, como outr'ora, não a agita a furiosa tormenta das batalhas — é clara e serena e fecunda — é a da religião e a da arte! O tempo — o grande purificador —tem cumprido a sua missão...

Hoje os legados que ali concorrem, os viajantes, embaixadores de todo o mundo, que ali representam todos os povos e todas as religiões, não buscam o Senado, para se queixarem das prepotencias e crueldades dos pretores e dos proconsules; não pedem a Hortencio, nem a Cicero, que os defendam contra os Verres: entram em S. Pedro a contemplar Miguel Angelo, e nas *Loggias* do Vaticano para admirar Raphael!

D'estes legados espirituaes, poetas, historiadores, romancistas, eruditos, artistas — que ali vam, em ininterrupta peregrinação, um dos dois maiores entre os modernos — o outro é Chateaubriand — foi o grande Goëthe — genio de maior comprehensão e de mais larga envergadura, porque amou e comprehendeu tudo — a vida, a sciencia, a litteratura e a arte. Ao datar de Roma a sua primeira carta, o auctor do *Fausto* dizia aos seus amigos da Allemanha:

«Emfim posso abrir a bôca e saudar os meus amigos com o coração alegre. Que elles me perdoem a minha mysteriosa partida e a minha viagem quasi subterranea. Quasi que nem a mim mesmo dizia para onde eu ia. Foi só quando passei debaixo da *Porta del popolo*, que os meus receios cessaram: então é que tive a certeza de ter Roma».

Esta impressão da vida exterior, do espectaculo dos monumentos, e das ruinas grandiosas, não é a mesma decerto em todos os que as contemplam: não teem para todos a mesma eloquencia o *Forum* e a *Via Appia*. Para uns tudo é novo — os palacios e templos modernos e as ruinas musgosas: para outros os arcos triumphaes, os theatros, as thermas, as estatuas, e as columnas mutiladas, revivem todo o passado extincto! Pizaram esse tablado, e nesse scenario deixaram para nós a sua sombra os protagonistas das grandes tragedias de Tito Livio, de Tacito, e de Suetonio! Algumas d'essas pedras conservarão porventura ainda os vestigios do sangue, que sobre ellas espadanou! Evocado pela nossa imaginação todo esse mundo togado — *senatus populusque romanus* — fala, gesticula, canta, clama e grita nas ruas, no *Forum*, no Monte Aventino, no *Coliseu* e nos theatros, a caminho do Capitolio, nos comicios e nas revoluções!

Era ali então a capital do mundo, como não o foi, nem será nenhuma outra, na successão das civilisações — a primeira, sem segunda! Por maior que fosse o seu orgulho — e era enorme — nenhum romano poude jámais formar uma idéa exacta do seu poder! Estavam no centro do circulo, e não lhe abrangiam com os olhos a circumferencia; faltava-lhes o ponto perspectico superior, a distancia do tempo, d'onde contemplassem a sua historia, e, pela comparação, lhe medissem a colossal grandeza!

* * *

Ao entrar na cidade dos Papas o joven artista portuguez não era um erudito; ninguem o é aos dezenove annos: nem havia cá Winckelmanns, com escola aberta de archeologia, que preparassem alumnos para exportação. Não os ha hoje ainda, apesar de termos caminhado muito. Latinistas serios, lidos e mestres nos prosadores e poetas, sempre os tivemos desde a Renascença, e ainda, neste seculo, contamos alguns, de merecida reputação, poetas e eruditos, — Castilho, Viale, o visconde de Seabra, e outros; mas a arte não gosou entre nós de egual fortuna — raros a estudaram, e rarissimos, os que d'ella escreveram. Em Italia, ao contrario, enxameavam: havia-os, e ha-os, de todas as especies — nos conventos, nas abbadias, nos palacios dos nobres, dos principes, e dos reis — nas grandes cidades e nas pequenas, que eram, e são, todas ellas grandes museus, compostos de outros pequenos — as egrejas, as capellas e salas dos nobres, os edificios das grandes confrarias, e as praças publicas! E aos archeologos nacionaes juntaram-se os estrangeiros.

É que nessa terra abençoada vê-se, fala-se, respira-se arte em toda a parte — todos a apreciam e comprehendem. Um dia — foi em Florença — Bulhão Pato contemplava, numa praça, uma estatua — o *Perseu* de Benvenuto Cellini. Ao seu lado ouviu o nosso poeta dizer — *Bello!* A voz tinha a entoação vibrante, intima, da commoção da arte. O meu amigo voltou-se, a ver quem era.

O MAESTRO PUCCINI — *Auctor da nova opera «A Tosca»*

A Guerra na Africa do Sul

GENERAL KRONJE

(Copia de uma photographia de Plumbe)

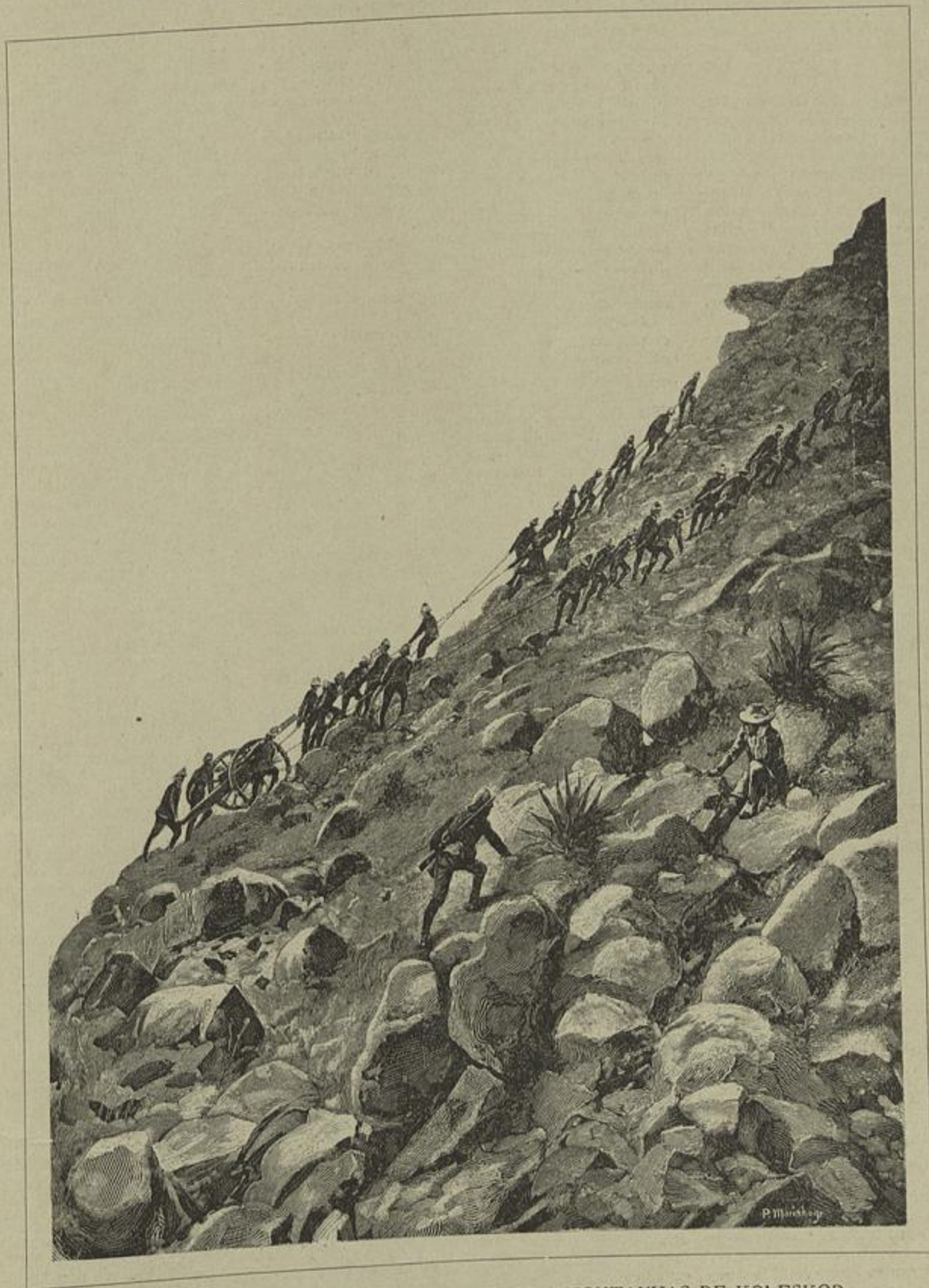
TENENTE GENERAL FRENCH

(Copia de uma photographia de Knight)

O homem, que assim apreciava a belleza da obra do famoso florentino, era um operario!
Uma das estatuas, que ornavam essa praça, é feitura de Miguel Angelo! Educa-se assim um povo.
A decadencia das escolas nacionaes — e portanto da celebre Escola romana — não obstava á continua affluencia de artistas estrangeiros, de diversas procedencias, que ali attrahia a curiosida-

(1523) de Patinier (1524) e de Quintino Metsys (1530) ha uma especie de paragem, uma como hesitação, antes de abandonarem o antigo estylo, para se alistarem sob a bandeira da Renascença. Depois, subitamente, é uma emigração, em massa, para a Italia.» [1] João Gossaert, esse já tinha partido para lá em 1508.
Os ultimos gothicos—os grandes—haviam dito

era uma conquista e um triumpho. Jan Swart estabelece-se em Veneza, estuda as obras de Bellini e de Giorgione, e depois, de volta á patria, funda em Gouda uma escola, onde professa os novos principios da nova arte. Este, que principiou a revolução, não era um grande artista; mas o verdadeiro revolucionario foi Schoorl; este acabou de vez com a velha escola hollandeza.

A Guerra na Africa do Sul

TRANSPORTE DE ARTILHERIA INGLEZA NAS MONTANHAS DE KOLESKOP

de, por tantos motivos excitada, o desejo de ver tão afamadas obras, e de as estudar e copiar.
A corrente era antiga — já para lá peregrinavam os flamengos, os hollandezes e os allemães de 1500. «Depois da morte de Van der Meyre (1512?) de Jeronymo Bosck [1] (1518) de Gerardo David

[1] Na exposição de arte sacra, realisada no Museu das Bellas-Artes, vi um magnifico quadro d'este pintor. Pertence a S. M. El-Rei, como declara o interessantissimo Catalogo do sr. Ramalho Ortigão.

a sua ultima palavra. E com João Mostert, acabou a primeira e gloriosa época da pintura flamenga.
O que se lhe seguiu foi a escola dos flamengos *romanistas*.
A influencia da arte italiana irradiava rapida por toda a Europa. Os pintores hollandezes tambem se sentiram attrahidos pelo novo astro que surgia: a Renascença caminhava, e cada passo

[1] *La peinture flamande* par A. J. Wauters, pag. 120.

Espirito aventureiro, Schoorl passa de Haarlem para Utrecht, e d'ahi a Spiers, d'onde se vae a Nuremberg ter com Alberto Dürer. Logo parte para a Italia, visita Veneza, embarca de lá para a Terra Santa, volta por Malta, e dá finalmente entrada em Roma, onde o papa, seu compatriota, o honra, deixando-se por elle retratar! As obras da arte antiga seduzem-o, prendem-o, e apesar de extrangeiro e homem do norte, é nomeado conservador do museu do Belvedere! Mas a sua

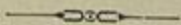
missão no mundo da arte não estava ainda cumprida, e o irrequieto artista sae um dia de Roma, volta inopinadamente a Utrecht, e ahi abre um *atelier!* Affluem-lhe os discipulos, que elle converte e enthusiasma com a descripção das maravilhas, dos primores, que viu! Estava consummada a revolução classica na arte hollandeza.

Deu tambem, desde esse tempo, a Allemanha o seu contingente — o grande Alberto Dürer figura entre os mais illustres hospedes da cidade eterna, e Carlos V entre os grandes protectores da pintura italiana.

Em França a arte italiana entrou nos paços reaes, trazida pela mão dos reis: não podia mais desejar. Vieram de lá para Fontainebleau, o Rossio, o Primatice, e a genial e original figura do terrivel Benvenuto. Nós tambem lá fomos então, e ahi está o nosso Francisco de Hollanda, a dizernos o que viu naquella famosa *Urbs*, antiga nas ruinas — e moderna capital do christianismo e da arte christã.

Lembra-nos este espectaculo, que daria um curioso e variado capitulo para a historia da arte moderna, o estudo das obras produzidas em Roma, sob a influencia da esculptura e da architectura grega e romana, e das escolas italianas, pelos artistas mais notaveis de todas essas colonias extrangeiras, que alli teem passado, uns, alguns annos, outros toda a sua vida — a comparação de obras feitas, com os mesmos mestres e com os mesmos modelos, por individuos oriundos do norte e do sul, differentes na raça, na religião, nas tradições — allemães, russos, hollandezes, flamengos, inglezes, francezes, belgas, hespanhoes e portuguezes.

A critica moderna, cujos horisontes são tão largos, e cujos recursos abrangem tanta sciencia, parece-nos que teria nisto um assumpto a explorar, e novos triumphos a colher; assim como tambem se nos affigura interessante estudar a acção reflexa, e ver qual foi a influencia d'estes artistas exoticos sobre a pintura romana.

(Continúa) *Zacharias d'Aça.*

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

(Continuado do numero antecedente)

É com o patriotico reinado do illustre rei *D. Diniz*, que os portuguezes começam a descançar das luctas constantes com os inimigos da fé. É com o estabelecimento da garantia da propriedade que a industria agraria se fortalece, porque sem ella o agricultor que semeiava o campo não estava seguro de recolher o producto.

O seculo XIII, no seu final, conseguia estender os fecundantes raios do sol da paz pela patria portugueza A's pequenas dissensões intestinas, oppunha-se a sabia administração do rei lavrador.

Os pinhaes de Leiria e da Azambuja, mandados semeiar por elle, foram provido inicio de muitas industrias e especialmente dos transportes maritimos e fluviaes, fornecendo abundante madeira á navegação; auxiliou com ella o commercio, e á cidade do Porto concedeu a primeira Bolsa mercantil.

A industria mineira desenvolve-se um pouco, sendo lavradas por conta do Estado minas de enxofre, azeviche (linhite) prata, estanho, etc.

Concedeu-se a particulares varias minas de ferro e pedra hume, porém como eram muito pezados os tributos com que o monarcha sobrecarregava a mineração, em breve o abandono das minas particulares foi geral, sendo depois exploradas pelo rei.

Na verdade, não se comprehende bem como sendo D. Diniz tão dedicado á agricultura, onde o emprego do ferro é tão util e grande, elle onerasse desmedidamente a sua exploração. Comtudo, a serralheria estava muito desenvolvida no nosso paiz. Os ferreiros forjavam ferros de lanças e outros petrechos para a guerra com rara habilidade. Em Guimarães, a serralheria attingia tal perfeição que até o soberano a elogiava.

Mas as exigencias sobre o producto do trabalho eram geraes n'esta epoca. N'um documento de Pendorada, citado no *Elucidario*, de 1290, mostra-se este facto, alliado á circumstancia do desenvolvimento da viticultura:

«E se vinhas fizerdes, darde-nos o quarto».

A par dos interesses materiaes apresentam-se outros de mais elevado alcance.

É ainda D. Diniz quem, em 1290, funda em Lisboa a universidade, com o titulo de *Escolas Geraes*. Os sabios freires alcobacenses ajudam muitissimo o monarcha n'esse seu estabelecimento, doando livros, mestres e dinheiro.

Em 1308, é transferida a Universidade para Coimbra, e a grande instituição ainda hoje illustra a memoria do soberano e dos religiosos seus fundadores.

D. Affonso IV, quanto á administração do reino, embora não fosse um monarcha modelo, não merece as acres censuras que em geral os historiadores lhe fazem.

No seu reinado, continuam as concessões de minas a particulares, sendo exigido pela corôa um quinto do producto bruto da lavra. A industria pecuaria soffre tambem um certo impulso, pois que o rei institue premios para os melhores creadores de cavallos e concede terrenos aos que n'essa industria mais notaveis se tornam.

É bom notar que, embora fosse o espirito guerreiro que originasse taes providencias, ellas foram incitamento ao progresso d'esta e d'outras muitas industrias concernentes.

O reinado de *D. Pedro I* assignala-se por um acto deveras prejudicial á industria, a promulgação da primeira *pragmatica* para refrear o luxo, impondo pena de açoites pela primeira vez, e de morte na reincidencia, a todo o vassallo que comprasse fazenda fiada.

Bem facil será comprehender como uma tal lei sumptuaria entravaria o progresso das poucas industrias de então.

As industrias da terra apparentam comtudo um maior desenvolvimento.

A viticultura adquire certa importancia, merecendo das côrtes de Elvas, em 1361, o favor de não pagarem direitos os vinhos que se exportassem para França pela foz de Buarcos.

A industria da pesca tambem se desenvolve, deixando de ser, como a caça, um direito senhorial imposto sobre as grandes divisões da propriedade, e sahindo das aguas nacionaes. Em 1353 os pescadores de Lisboa e Porto fazem um tratado com Duarte III de Inglaterra para poderem pescar, no decurso de 50 annos, sobre as costas d'aquelle reino.

D. Fernando I promulga varias medidas uteis á industria e tambem uma pragmatica que, alem de ter sido mal acceita, não logrou execução rigorosa.

D. Fernando quiz restabelecer a agricultura por meio da sua lei agraria, vulgarmente conhecida pela lei das sesmarias, que entre outras cousas determinava:

Que todos os que tivessem herdades proprias, ou emprazadas, ou por outro qualquer titulo, fossem obrigados a lavral-as; e que se fossem muitas, ou em desvairadas partes, lavrassem as que mais lhes aprouvesse e as outras fizesem lavrar por outrem; de forma que todas as que eram para dar pão, todas fossem de trigo, cevada e milho.

Que do mesmo modo fossem constrangidos a ter tantos bois, quantos eram necessarios para as herdades que tinham, e se os não pudessem haver senão por grandes preços as justiças lhes fizessem dar por preços justos, segundo o estado da terra.

Que fosse assignado tempo conveniente aos que houvessem de lavrar, para começarem a aproveitar as terras sob certa pena; e quando os donos das herdades não aproveitassem as terras, ou as dessem a aproveitar, as justiças as dessem por certa pensão, não para o dono, mas em proveito commum do logar onde a herdade estivesse.

Que os que costumavam ser lavradores, e os filhos ou netos de lavradores, e quaesquer outros que se achassem uzando de officio, que não fosse tão util ao bem commum, como era a lavoura, fossem constrangidos a lavrar, salvo se tivessem de seu o valor de quinhentas libras, que n'aquelle tempo era grande somma de dinheiro; e que se não tivessem herdades suas, lh'as dessem das outras, para as aproveitarem, ou viverem de soldadas.

Que nenhuma pessoa, que lavrador não fosse, ou seu mancebo, trouxesse gado seu nem alheio; e se outro o quizesse trazer se havia de obrigar a lavrar certa terra, sob pena de perder o gado para o commum do logar, onde fosse tomado, etc. etc. [1]

Com as primeiras noticias da exportação dos vinhos portuguezes, assignala-se o grande desenvolvimento da viticultura em Portugal. No reinado de D. Fernando, que abraça os annos de 1367 a 1383, já se conhece a importancia exacta da nossa exportação annual. N'um só anno, chegou-se a carregar cerca de doze mil toneis.

[1] *Chronica de D. Fernando* por Duarte Nunes de Leão.

D. Fernando tambem não descurou a industria coudelica. No seu tempo melhora-se a cavallaria do exercito, e consegue-se apresentar no campo de batalha seis mil cavallos, quasi todos de creação nacional.

A navegação e o commercio tambem mereceram ao ultimo monarcha da primeira dynastia o mais valioso auxilio, e é do seu reinado que datam os seguros maritimos. Em Miranda e Valença estabelece casas de bater moeda.

Somos, pois, chegados á segunda dynastia, áquella cujos primeiros varões por tantos titulos se tornaram illustres.

Com *D. João I*, e sob a direcção do seu inclito filho infante D. Henrique, as industrias portuguezas correm a par com as descobertas e conquistas; os officios adquirem a consideração que lhes valeu a outhorga da Casa dos 24.

A industria da pesca, que nos primeiros tempos da monarchia estava limitada ás aguas encravadas nas terras do condado, estende-se n'este reinado mais para o mar e augmenta de importancia.

A industria da pesca do bacalhau começa a attrahir muitos portuguezes ás costas da ilha da Terra Nova. A ella se ligam diversas noticias e tradicções de varias navegações portuguezas, suppondo se até que um dos Cortes Reaes descobrisse a America.

Os nomes de varias partes da ilha da Terra Nova attestam para todo o sempre a presença dos portuguezes n'aquelles mares. [1]

O infante D. Henrique, tão illustre pela sua iniciativa nos descobrimentos, não o é menos pelas suas emprezas industriaes. Como mestre e governador do mestrado de Christo, cabia-lhe a ilha da Madeira. Para alli mandou vir da Sicilia cannas sacharinas e mestres para temperar assucar.

Porém, já anteriormente se fizera a experiencia d'esta cultura no Algarve, pois que em 1404, D. João I coutou um terreno denominado *Terras da Quarteira* a um mercador genovez João de Palma, para elle plantar de cannas de assucar, parecendo que esse terreno já antes tivera egual destino, quando na posse de um tal mestre João.

A superioridade de situação e clima da ilha da Madeira, e, mais tarde, da de S. Thomé, fizeram perder ao Algarve este seu avanço industrial.

D. João I concedeu ao infante D. Henrique as saboarias do reino, o qual, em virtude de direito de descobrimento, possuia tambem as de sabão preto na ilha da Madeira.

A industria pecuaria recebe o seu maior impulso. Prohibe-se a exportação de eguas para Hespanha e decretam-se os cavallos livres do imposto da *jugada* ([2]). É permittida a livre creação do gado suino, etc. ([3])

Ao Mestre de Aviz se deveram então grande numero de disposições tendentes ao melhoramento de tão importante industria. São muito notaveis a carta regia de 18 de agosto de 1413, e outra de 1409, em que se obrigam os lavradores e outros individuos a terem egua de creação, como anteriormente as *Ordenações Affonsinas* obrigavam os concelhos a ter dois ou mais cavallos reproductores.

Quanto á industria oleica, já em 1399 se exportava o azeite em larga escala, pois que n'esse anno permittiu a cidade de Coimbra aos moradores o venderem seus azeites a mercadores nacionaes ou extrangeiros e que estes os pudessem exportar livremente pelo Mondego.

O reinado de D João I, tão notavel na politica como o primeiro da segunda dynastia, não está ainda estudado sufficientemente quanto á econo-

1 Vide *Memoria sobre a pesca do bacalhau* por Jacob Frederico Pereira da Azambuja.

([2]) A *jugada* é um dos mais antigos tributos que se impoz ao agricultor; era direito real que incidia sobre o numero de animaes que o lavrador trazia no trabalho. Este imposto já mesmo antes da monarchia se pagava como um direito de soberania ás primeiras cabeças do estado romano. Mais tarde houve a *jugada inteira*, por cada dois animaes, a *meia jugada* por cada cabeça, e a *jugada nova*.

([3]) Em 1416 permittiu D. João I aos moradores do Porto o poderem criar porcos na cidade, mas D. Manoel, em 1518, annullou esse direito, impondo a multa de 500 réis por cabeça aos donos dos porcos encontrados na rua. (Pinho-Leal, artigo *Porto*).

Do Porto profissional no seculo XV dá-nos uma curiosa descripção um escriptor nosso contemporaneo:

«Por Cima de Villa e Eiras era a barra secca da cidade, o canal d'ingresso para os viveres e productos agricolas provenientes das terras do norte. A esta bocca succedia-se o ventre do Porto; feirava-se no largo da Sé, e pelas ruellas da villa episcopal, por entre a clerezia da sé e os officiaes da almotaceria, balseiros e portageiros, estanciavam sobretudo nas Aldas os açougueiros e enxarqueiros.

«As *bandeiras* dos officios desenrolavam-se arruadas. Surradores pelas viellas dos Pellames moirejavam sobre o rio da villa, aprestando principalmente as pelles *cabrúas*. Ferreiros e armeiros forjavam ferramentas e armaduras ao longo da Ferraria de baixo e da de cima, ao tempo simples continuação do Souto; e ao pé d'elles martellavam os caldeireiros.» Ourives estadeavam os seus dixes na extincta rua da Ourivesaria; e fabricantes de calçado manipulavam a sola na Çapataria.» (Dr. Ricardo Jorge — *Annuario Municipal do Porto*, vol. I pag. 73).

mia da nação. O illustre Mestre d'Aviz tambem promulgou uma pragmatica, cujo conhecimento esclarece os usos e costumes, mas que pouco affectou as industrias. Em Evora cria-se uma casa de bater moeda.

Esteves Pereira.

(Continúa)

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

Distrahidamente arribou a um logar muito longe do centro. Depois de haver jantado n'uma casa de pasto mediocre, poz-se outra vez a passear ao acaso. Novamente ruas e praças se foram succedendo. Caminhou depois ao longo de muros altos, pardos e amarellos: ali acabavam as casas ricas. Era agora um contraste de barraquinhas velhas e de grandes edificios, fabricas enormes de paredes escalavradas e negras, com chaminés monumentaes. Ninguem pelos caminhos; tudo triste e hostil.

Vinha cahindo a noite. Por uma comprida viella, Ordinov chegou a uma praça onde se erguia uma egreja. Entrou sem quasi dar por isso. A ceremonia acabára n'esse instante e a egreja era quasi sem ninguem. Só duas mulheres quedavam ajoelhadas á portas. O sacristão, um velhinho, apagava as vellas. Os raios do sol poente escorriam em grandes ondas atravez os estreitos vidros pintados da capella, innundando uma das naves com um mar de luz, que depois ia diminuindo. E quanto mais espessa era a sombra — a sombra que se accumula sob as arcarias — mais as imagens scintillavam, doiradas pelos clarões intermittentes das lampadas e dos cirios. Tomado d'uma angustia fundamente perturbadora e d'uma oppressão cada vez maior, Ordinov encostou-se á parede, n'um dos recantos mais sombrios, e embebeu-se em seu pensar. O passo regular e abafado de dois parochianos chamou-o a si. Olhou para elles e logo sentiu preso seu espirito de indefinivel curiosidade. Eram um velho e uma rapariga. O velho, de avantajada estatura, direito ainda e energico, mas magro e doentiamente pallido, poderia ser tomado como mercador de qualquer provincia longe. Vestia um longo caftan negro e forrado, desabotoado, e por debaixo uma sobrecasaca russa toda abotoada d'alto abaixo. Ao pescoço trazia, mal atado, um lenço vermelho; nas mãos um barrete de pelles. Uma longa barba já meio branca descia-lhe sobre o peito e sob as espessas sobrancelhas franzidas scintillava um olhar com brilho febril, um altivo, e penetrante olhar. A mulher teria uns vinte annos. Belleza maravilhosa! Vestia umas pelles riquissimas, azues-claras; um lenço de setim branco, atado ao pescoço cobria-lhe a cabeça. Caminhava com os olhos baixos, e um não sei quê de reflectida gravidade affirmava-se clára e tristemente nas linhas doces e meigas de seu rosto de criança. Houve o que quer que fosse de extranho na apparição subita d'aquelle par.

O velho parou no meio da egreja e cumprimentou para os quatro lados, embora lá não estivesse mais ninguem. Imitou-o a companheira em cuja mão elle pegou depois, conduzindo-a até defronte da grande imagem da Virgem, padroeira d'aquella egreja. A imagem scintillava, junto do altar, com um brilho de cegar que se reflectia entre o oiro e as pedrarias das decorações. O sacristão cumprimentou com deferencia o estrangeiro que correspondeu levemente á saudação. A companheira cahiu de joelhos ante a imagem; o velho pegou na extremidade da toalha da egreja e com ella lhe cobriu a cabeça. Ouviram se uns soluços abafados.

Intrigado pela solemnidade da scena, Ordinov esperava-lhe o termo com impaciencia. Passados dois minutos, a mulher ergueu a cabeça e outra vez seu lindo rosto illuminou-o a viva luz da lampada. Ordinov estremeceu e deu dois passos para a frente. Já ella retomara o braço do velho e ambos lentamente se dirigiam para a porta. Queimavam-lhe lagrimas os olhos azues escuros, cujos longos cilios descidos davam maior realce á brancura leitosa da pelle. Corriam-lhe as lagrimas pelas faces pallidas. Sorriam os labios, mas o rosto conservava vestigios d'um terror pueril e misterioso. Toda tremula de commoção ao velho se encostava cheia de confiança

Agitado, como que fustigado por desconhecida sensação, doce e excitante, Ordinov seguiu-os á pressa e no adro passou-lhes para deante. O velho lançou-lhe um olhar hostil. Tambem ella olhou para elle, mas sem dar por isso, como que embebida em seu pensar. Sem tomar conta do mobil da sua acção, Ordinov continuou seguindo-os de longe, agora já na sombra muito accumulada do crepusculo. O par metteu-se por uma rua larga e suja de artifices, cheia de armazens de farinha e de estalagens e que ia dar ás muralhas da cidade. D'ahi tomou por uma viella estreita e comprida, ladeada de barreiras fundas; ao cabo elevava-se a alta parede sombria d'uma casa de quatro andares, com um passadiço communicando essa viella com outra. Iam-se os tres approximando da casa, quando o velho se voltou e encarou Ordinov com impaciencia. O rapaz quedou-se, como pregado ao chão; a si mesmo pareceu-lhe inconveniente o ter-se deixado arrastar assim. O velho voltou-se ainda uma vez, por certo querendo convencer-se que fizera seu effeito a silenciosa ameaça, depois, com a rapariga, penetrou no pateo da casa. Ordinov retomou o caminho do quarto.

Estava muito mal humorado, accusando-se pelo dia cançado, desperdiçado sem proveito e que findára por uma tolice, dando a uma circumstancia mais do que trivial as côres d'uma aventura.

Apesar do desagrado que lhe causára, na manhã d'esse mesmo dia, o ter-se provado a si mesmo sua selvageria, era por habito que seu espirito fugia instinctivamente de tudo que pudesse distrahil-o ou commovel-o sem abalo util para o pensamento. E foi com tristeza que se pôz a pensar no velho cantinho seu, onde tão ao abrigo estava de taes accidentes; depois apoderou-se d'elle uma angustia ao lembrar-se da barafunda d'uma mudança e da seca de ainda estar indeciso a tal respeito. Ao mesmo tempo sentia-se humilhado por tanto se preoccupar com coisa tão de nonada. Por fim estafado, incapaz de ligar duas idéas, notou com espanto que andára, sem dar por isso, para além da casa. Atordoado, meneando a cabeça ao pensar em tão anormal distracção, attribuiu-a a cançasso, e, subindo a escada, entrou na mansarda. Ahi, accendeu a vela; mas logo a imagem da rapariga a chorar lhe acudiu muito clara á imaginação Foi a impressão tão viva e forte, com tanto amor seguia o coração o doce e meigo perfil do rosto desconcertado por um terror e ternura misteriosa, banhado de lagrimas de exaltação ou de pueril arrependimento, que os olhos de Ordinov se turvaram e que sentiu o lume accender-se em suas veias. Mas a visão desfez-se. Depois do transporte veio a reflexão, depois o despeito e depois uma como que ira impotente. Sem se despir, embrulhou-se no cobertor e estirou-se sobre o leito duro...

Ia alta a manhã, quando acordou, a um tempo estafado e confuso. Tratou com rapicez de seus arranjos, procurando dar attenção a esses cuidados de cada dia, e sahiu, seguindo uma direcção opposta áquella que tomára na vespera. Para acabar com aquillo, escolheu um quarto em casa d'um pobre allemão chamado Schpis, que vivia com sua filha, Tinchen.

Schpis, assim que recebeu o signal, tirou o escripto pregado na porta e felicitou Ordinov pelo seu amor pela sciencia. Prometteu-lhe tratar elle mesmo de todo o serviço. Ordinow disse-lhe que faria a mudança n'essa mesma tarde, e depois retomou a direcção do antigo quarto. Mas em caminho reflectiu e voltou para o lado opposto. Renascia-lhe a audacia e comsigo mesmo sorriu de sua curiosidade. O que andou pareceu-lhe muito, tal era sua impaciencia. Chegou por fim á egreja da vespera. Estava-se á missa. Procurou logar d'onde pudesse vêr todos os fieis; mas os que procurava não estavam lá. Depois de muito esperar, sahiu, um pouco envergonhado. Teimou com afinco em fixar o espirito em sentimentos indifferentes para mudar o curso de seus pensamentos. E como pensava nas coisas triviaes da vida, lembrou-lhe que eram horas de jantar. E o caso era que tinha fome. Entrou para a casa de pasto em que na vespera jantára: mais tarde não houve meio de lembrar-se como de lá tinha sahido. Por muito tempo e inconscientemente andou ao acaso pelas ruas, pelas vielas cheias de gente, pelas praças desertas, até que chegou a um sitio completamente só, sem casas, e onde se estendiam uns campos amarellados. O socego mortal de aquelle logar, dando-lhe uma sensação nova ou desde ha muito esquecida, fel-o voltar a si. O dia era secco; geava: verdadeiro outomno de S. Petersburgo. A pequena distancia havia uma *izba*, perto duas medas de palha; um cavallito de pêllo crespo, de cabeça baixa e beiço pendido, desapparelhado, ao pé d'uma carreta, parecia meditar. Um cão de guarda, rosnando, roia um osso, ao pé d'uma roda quebrada. Um pequenito de trez annos, vestido apenas com uma camisa, considerava com espanto, coçando a cabeça loira e encaracolada, o senhor da cidade perdido por aquellas paragens. Por detraz da *izba* estendiam-se campos e pomares. Lá no fim dos céos azues, mattas sombrias; do lado opposto vinham correndo nuvens com neves amontoadas: dir se-hia que levavam adeante d'ellas bandos de passaros emigrantes, sem voz, um apoz outro enfiando pelo céo. Tudo era socegado, em tudo impressa uma tristeza solemne, tudo soffrendo d'aquella secreta e desconsoladora descida da noite... Ordinov foi-se para mais longe, ainda para mais longe. Pesou-lhe por fim a solidão. Entrou na cidade outra vez e de subito ouviu os vigorosos sons do sino tocando á oração da tarde. Accelerou o passo e logo entrou de novo na egreja, que, desde a vespera, lhe era tão familiar.

Já lá estava a desconhecida.

Era, entre a multidão dos fieis, ajoelhada ao pé da porta. Ordinov abriu caminho entre os apertados renques de mendigos, de mulheres esfarrapadas, de doentes e aleijados que esperavam por esmolas á porta e ajoelhou ao lado da mulher. Tocavam-se os fatos. Ouvia-lhe a respiração irregular, que de seus labios entreabertos se soltava em ardente prece. Como na vespera trahiam suas feições uma commoção e devoção infinitas. Como na vespera, não deixavam lagrimas de correr e consummir-se em suas faces incendidas como que para lavar algum crime terrivel. Era escuro o sitio. Uma ou outra vez, sómente, a chamma d'alguma vella, que o vento fazia tremer, vinha alumiar com intermittente clarão o rosto do desconhecido, cujos traços se imprimiam na memoria d'Ordinov, em seu olhar e seu coração. Por fim, já não podendo mais, com o peito convulsamente oppresso, desatou a soluçar e deu com a cabeça esbrazeada nas lages frias de neve. Nada ouviu, nada sentiu, senão no coração, como se quizesse deixar de bater, um espasmo dolorosissimo.

Seria a solidão que assim n'elle desenvolvêra aquella extrema impressionabilidade e assim, como a descoberto lhe, deixáva sem defeza os sentidos? Ter-se-hia aquella effervescencia accumulado durante a angustia das insomnias, sem ruido e sem ar? Teria sido preciso tanto esforço desordenado e tantas impacientes commoções do espirito para que assim pudesse finalmente abrir-se o coração, achar uma sahida e largar seu vôo? Ou seria tão só porque dera a hora e porque as coisas assim haviam de cumprir-se, subitamente, bem como em dia de calor que nos abafa, o céo escurece de repente, depois se allivia sobre a terra sequiosa em chuva quente que suspende perolas nos ramos vermelhos, e machuca a erva dos campos e curva até ao chão as corolas delicadas das flôres: mas basta um só raio de sol para que tudo renasça, se erga, avance para a luz e solemnemente envie até ao céo, festejando o renascimento, mil effluvios suaves de alegria e saude... Ordinov não dava pelo proprio estado; mal tinha consciencia de si mesmo... Quasi nem reparou no final da bençam. Entretanto ergueu-se e seguiu a rapariga, atravez a multidão dos devotos que se encaminhavam para a sahida. Mais d'uma vez encontrou seu olhar o dos olhos d'ella, ao mesmo tempo quieto e espantado. Mais d'uma vez obrigada a parar pelo refluxo da gente, virou-se para elle; crescia-lhe visivelmente o pasmo, e de repente fez-se toda vermelha. Appareceu então o velho que lhe veio pegar na mão. Ordinov mais uma vez experimentou a ameaça e as zombarias d'aquelle olhar, e como que um extranho rancor apertou-lhe o coração. Mas depressa deixou de avistar os dois desconhecidos e, puxando por toda a sua energia, n'um esforço sobrenatural, correu para a frente e sahiu da egreja.

Mal poude o ar da rua refrescal-o. Custava-lhe a respirar, suffocava. O coração batia-lhe lentamente, mas com força que parecia querer partir-lhe o peito. Debalde procurou os desconhecidos; na rua, na viella, ninguem. Mas gerava-se-lhe no cerebro uma idéa, formava-se um d'esses planos decisivos e extraordinarios, que, muito embora doidos, em taes circumstancias dão sempre resultado.

No dia seguinte pela manhã, veio pela viella até á casa onde moravam o velho e a rapariga e entrou n'um pateo estreito, sujo, fedorento como uma fossa de estrume. O *dvornik*, muito baixinho tartaro de origem, rapaz dos seus vinte e cinco annos, com uma cara envelhecida e enrugada, trabalhava no pateo. Largou o trabalho, encostou o queixo ao cabo da pá, avistando Ordinov, mirou-o dos pés até á cabeça e perguntou-lhe o que queria.

— Procuro um quarto, respondeu Ordinov em tom saccudido.

— Qual? perguntou o dvornik, com um sorriso. Olhava para Ordinov, como se lêsse correctamente os pensamentos d'elle.

— Algum que me queiram sub-arrendar, respondeu ainda Ordinov.

— N'aquelle pateo não ha, disse o dvornik apontando, com um olhar malicioso para um pateo ali perto.

— E n'este?

— E n'este tambem não.

E o dvornik continuou a trabalhar.

— Veja lá, talvez sempre haja, continuou Ordinov, mettendo-lhe na mão uma moeda de vinte kopecks.

O tartaro olhou para Ordinov, pegou no dinheiro, voltou ao trabalho e, depois d'um silencio, declarou.

— Pois não ha, não ha quarto nenhum.

Mas o rapaz é que já não queria escutal-o. Dirigia-se, caminhando sobre as pranchas que vergavam, meio podres, lançadas sobre os charcos d'agua, para a unica entrada que dava para esse pateo negro, nojento e cheio de lama. No rez do chão morava um desgraçado fabricante de caixões. Para além da officina d'esse «rapaz de espirito» Ordinov metteu se por uma escada de caracol, escorregadia e a desabar e chegou ao andar de cima. A's apalpadellas, na sombra, deu com uma porta espessa de madeira tosca, coberta por uma esteira de vime em farrapos. Procurou o fecho e deu-lhe volta. Não se enganára: lá estava o velho em sua frente, olhando fito para elle, no cumulo do pasmo.

— Que queres? perguntou-lhe em voz rude e baixa.

— Ha algum quarto? murmurou Ordinov sem saber ao certo o que dizia: por detraz dos hombros do velho acabava de avistar a rapariga.

O velho, sem responder, poz-se a fechar a porta empurrando Ordinov para fóra. Mas de repente Ordinov ouviu a voz carinhosa da mulher murmurar:

— Ha um quarto.

— De pouco espaço preciso, disse Ordinov entrando de novo, apressado e dirigindo-se á formosa.

Mas parou, pasmado, olhando para seu futuro hospedeiro. A' sua vista representava-se ali um drama mudo. O velho enfiára mortalmente e estava prestes a cahir sem sentidos. Deixava pesar sobre a rapariga um olhar de chumbo immovel e penetrante. Ella tambem se fez pallida primeiramente, mas logo o sangue lhe subiu ao rosto e seus olhos brilharam com extranho brilho.

Encaminhou Ordinov para o quarto proximo.

Toda a habitação compunha-se d'um unico quarto muito vasto dividido em tres partes por dois tabiques. Do vestibulo passava-se para um quarto muito pequeno. Na frente, no tabique, abria-se uma porta, que evidentemente devia dar accesso ao quarto para alugar. Era estreito, com duas janellas baixas, muito proximas uma da outra. Tudo estava atulhado com os objectos miudos necessarios n'uma casa. Tudo era pobre, mesquinho, mas muito limpo. Uma mesa de madeira branca, duas cadeiras vulgares, dois bancos encostados á parede, eram toda a mobilia. N'um canto tinham posto uma grande imagem devota, ornada com uma corôa doirada e sustida por uma taboa. Defronte da imagem ardia uma lampada. O quarto para alugar partilhava com o outro ao lado um grande e incommodo fogão russo. Claro estava que tres pessoas nunca poderiam viver n'uma casa assim.

Discutiram as condições. Mas as vozes eram entrecortadas, mal se podiam comprehender. Ordinov, a dois passos d'ella, sentia bater o coração. Toda ella estremecia e á sua commoção juntava-se como que um terror. Vieram porfim a accordo. O rapaz declarou que logo traria as suas coisas e veiu ter com o velho. Estava ainda ao pé da porta, de pé e sempre muito pallido; mas um sorriso socegado, um sorriso pensado, amanhecêra em seus labios. Reavistando Ordinov, franziu de novo o sobr'olho.

— Tens um passaporte? perguntou-lhe bruscamente, com voz alta e dura, abrindo-lhe a porta.

— Tenho, respondeu Ordinov algum tanto corrido.

— Quem és?

— Wassili Ordinov, nobre, sem emprego. Occupo-me de certos trabalhos, replicou Ordinov no mesmo tom do velho.

— E eu tambem; sou Ilia Mourine, mechtchamine ([1]). Está bem, vai-te.

Uma hora depois, Ordinov instalava-se com grande espanto seu e tambem do sr. Schpis que começava suspeitando, com a sua doce Tinchen, que seu locatario havia troçado com elles. Ordinov mal percebia como tudo aquillo acontecêra, mas pouco se lhe dava de não perceber.

(Continua).

NECROLOGIA

FURTADO COELHO

Depois de prolongada doença, finou-se em Pedroiços, na tarde de 13 d'este mez o actor Luiz Candido Furtado Coelho, que foi dos nossos mais illustres de Portugal na arte de representar.

Era de Vianna do Castello a familia do chorado artista que ali nasceu em 28 de dezembro de 1831.

Aos 24 annos partiu para o Brazil e foi lá que se estreiou na carreira que lhe havia de ser gloriosa, apresentando-se pela primeira vez ao publico na cidade de Porto Alegre, da provincia do Rio Grande do Sul.

Muito intelligente, instruido, amando com extremos a sua arte e conhecendo-lhe os segredos, physicamente expcepcionalmente dotado, distincto de maneiras e dizendo primorosamente, Furtado Coelho poude com facilidade conquistar o logar distincto que honrosamente occupou até que a doença e precoce velhice o afastaram do palco.

Se não fôra a dedicação de amigos, collegas e admiradores, morrêra quasi na miseria.

Mais do Brazil do que nosso, muita vez, ainda assim, o admirámos em Lisboa, onde o vimos representar o *Demi-monde*, *Sapatinho de setim*, *Lenço branco*, *Thereza Raquin*, etc.

Ao seu funeral foram representantes de todas as emprezas theatraes. Em vida lhe acudiram, ao morto prestaram a devida homenagem.

NECROLOGIA

O ACTOR FURTADO COELHO — Fallecido no dia 13 do corrente

([1]) Da pequena burguezia.

Recebemos e agradecemos:

O Gigante Adamastor — *Episodio dos Luziadas de Camões com a traducção em versos italianos de Prospero Peragallo e um prefacio de Xavier da Cunha — Lisboa, typographia Castro — 1898.*

Repousa de ha muito sobre a nossa banca de trabalho esta magnifica especie bibliographica camoneana. Pertence á edição de 200 exemplares numerados, não postos á venda, que se fez por occasião do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India e do 318º anniversario do passamento de Camões; apresenta o n.º 137 e é impresso em magnifico papel de linho. Foi brinde, que muito e muito agradecemos, dos nossos illustres amigos rev. Prospero Peragallo e dr. Carvalho Monteiro.

Ambos estes nomes são bem conhecidos. O primeiro é «aquelle bom genovez que em Lisboa residiu parochiando a italiana Egreja do Loreto, e que, ha dois annos, quasi nos deixou por comprazer ás repetidas instancias de um lar muito amoravel e muito extremecido, cujas saudades o reclamavam lá como indispensavel companheiro.» conforme escreve o sr. dr. Xavier da Cunha no seu elegante prefacio, em que se tributa a merecida homenagem áquelle nosso querido amigo e collaborador, poeta tão amante da lingua portugueza como da sua propria.

O segundo, o sr. dr. Carvalho Monteiro, é o ferveroso camonista de que a nossa Academia se orgulha. É ainda ao seu devotado affecto por tudo quanto repete o nome e a obra de Camões que se deve o presente livro. A tão illustrado cavalheiro e ao reverendo Peragallo os nossos emboras.

Folhinha — *N.º 1 da Livraria Escolar de Leoncio J. de Medeiros & C.ª — 1.º anno — 1900. Maranhão Brazil.*

Seguindo o exemplo de muitas outras livrarias dos estados do Brazil, o nosso estimado correspondente sr. Leoncio J. de Medeiros, dignissimo proprietario da Livraria Escolar, na rua Grande n.º 1, no Maranhão, publicou pela primeira vez este anno a sua *Folhinha*, assim modestamente intitulada, mas que encerra interessantes secções, sendo muito escolhida e variada a parte litteraria. É um livrinho de mais de 100 paginas e pode tambem considerar-se como um pequeno annuario commercial e industrial d'aquelle importante estado do Brazil. Encontram-se n'elle dados muito curiosos sobre as diversas corporações de beneficencia, instrucção, administração, impostos, consules, repartições publicas, jornaes, ministros, egrejas, etc. O que tudo é muito util tanto aos maranhenses e mais brazileiros como a nós portuguezes.

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1900

19.º anno

Acha-se quasi exgotado este interessante annuario profusamente illustrado, e com uma primorosa capa a côres allusiva ao **Descobrimento do Brazil**.

Preço, brochado 200 réis. Cartonado 300 réis. Pelo correio 220 e 320.

Pedidos á *Empresa do Occidente, Lisboa*.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.